



Isaque Pereira de Carvalho Neto*

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir o significado e a relevância da concepção de Mistério no pensamento do filólogo, mitólogo e helenista luso-brasileiro Eudoro de Sousa, analisando os seus artigos e ensaios publicados ao longo de mais de 40 anos de atividade intelectual. Não constituindo propriamente uma categoria unívoca, nem tampouco um conceito de determinação inequívoca num sistema de pensamento lógico-discursivo, antes associado a uma experiência invulgar e sem linguagem própria, Mistério é abordado nesta reflexão tanto a designar esta mesma insólita experiência, quanto com o sentido de uma cifra própria da experiência poético-religiosa, cuja reflexão a seu respeito revela o empenho de Eudoro de Sousa em se aproximar do e compreender o fundamento último e existencializante da existência ou de tudo o que veio, vem e virá a ser. Neste sentido, e configurando uma noção fundamental da Mitologia desenvolvida por Eudoro de Sousa, a noção de Mistério desempenhará papel central em suas concepções acerca de Antropologia, Filosofia, História, Poesia e Religião.

Palavras-chave: Mistério. Enigma. Poesia. Religião. Cifra. Silêncio.

The conception of mystery in the thought of Eudoro de Sousa

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the meaning and relevance of the Mystery in the thought of the Luso-Brazilian philologist, mythologist and Hellenist Eudoro de Sousa, analyzing his articles and essays published over more than 40 years of intellectual activity. Not exactly constituting a univocal category, nor a concept of unequivocal determination in a system of logical-discursive thought, rather associated with an unusual experience and without its own language, Mystery is approached in this article, both designating this same unusual experience, as with the sense of a cipher of the poetic-religious experience, whose reflection on it reveals Eudoro de Sousa's effort to approach and understand the ultimate and existencializing foundation of existence or of everything that came, comes and will come to be. In this sense, and constituting a fundamental notion of Mythology developed by Eudoro de Sousa, the notion of Mystery will play a central role in his conceptions about Anthropology, Philosophy, History, Poetry and Religion.

Keywords: Mystery. Enigma. Poetry. Religion. Cipher. Silence.

* Graduação em História pela Universidade de Brasília (UnB), mestrado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutorado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (aprovação com distinção e louvor). Foi professor do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e do Centro Universitário do Distrito Federal (UnIDF), atuando principalmente através dos seguintes temas: Deus, homem, história, mito, espírito, religião, poesia, símbolo, memória, Brasil, Portugal, liberdade, sociedade, regras sociais e jurídicas; e nas seguintes áreas: Filosofia Geral, Filosofia do Direito, Sociologia Geral e Jurídica e Antropologia. E-mail: idiche71@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5227121944144275>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1815-5425>.

No ensaio *Mitologia*, o mitólogo e helenista luso-brasileiro Eudoro de Sousa, ao comentar um desconcertante sentimento de “*estranheza*” (SOUSA, 1980, p. 17) que ocorre ou pode ocorrer a todos os homens ao menos uma vez na vida, faz referência à experiência de um “*misteriosíssimo mistério*” (SOUSA, 1980, p. 47), experiência em tudo diferente da regularidade cotidiana – daí o sentimento de *estranheza* –, ainda que a sua ocorrência não se dê senão na radical transfiguração da vida cotidiana, de modo empírico, e por isto perceptível, porém não explicável, não demonstrável¹ e carente de linguagem própria². Associada no pensamento de Eudoro de Sousa à *Origem*³ da Mitologia, da Poesia, da Religião e mesmo do afã do conhecimento filosófico e científico⁴ (e não menos relacionada com a própria noção superlativa e absoluta de *Origem* de tudo que é originado), embora mais visível nas três primeiras como princípio fundamental, esta *sui generis* experiência é, em sua ipseidade, infável, irreduzível ao pensamento lógico-discursivo-categorial, constituindo-se o cerne do pensamento de Eudoro de Sousa. Apresentar e discutir o significado e a relevância do que seja *Mistério* para o pensador luso-brasileiro, através de um excuro crítico por seus estudos publicados, é o escopo deste artigo.

Desde já nos deparamos com um problema que acompanha todo o desenvolvimento do pensamento de Eudoro de Sousa ao longo de quase meio século de atividade intelectual desempenhada em Portugal e no Brasil, com passagem por Alemanha e França, cujas tentativas de solução nos põe diante de uma aporia: como tornar acessível ao pensamento e à análise, e assim suscetível de cognição e definição, algo que se não deixa apreender totalmente pela racionalidade e que, porventura, apenas seja passível de compreensão, como sugere Rudolfo Otto, por

¹ Comentando o fragmento 15 de *De philosophia*, de Aristóteles, onde o Estagirita considera a intuição e a sensação, e que Eudoro de Sousa entende valer também para o *Mistério*, afirma Jeanne Croissant, em *Aristote et le mystères*: “Sem dúvida, Aristóteles pôs em paralelo a intuição e a sensação, como o fez em outras obras suas; devia ter assinalado o caráter imediato, infalível, estranho a toda demonstração, que os opõe, a ambos (intuição e sensação), à atividade discursiva” (CROISSANT, 1932, p. 151 *apud* SOUSA, 1981, p. 88).

² Sobre a obscuridade do pensamento e da linguagem de Heráclito, afirma Eudoro de Sousa, em “Heráclito e a vocação do filósofo”, contido na obra *Origem da poesia e mitologia e outros ensaios dispersos*: “A transcendência não tem linguagem que propriamente a exprima” (SOUSA, 2000, p. 251).

³ A palavra “*Origem*” será grafada ao longo do texto em itálico, porque é uma expressão própria do discurso de Eudoro de Sousa, e com a inicial maiúscula, como o pensador o escreve.

⁴ Embora considere em diversas passagens ser a Ciência o saber objetivo de “coisas” olvidadas de sua *Origem*, em *Mitologia*, ao analisar o tema da distração, que o é desde o ponto de vista do trabalho aplicado exclusivamente à utilidade imediata das “coisas”, mas que é concentração quando a ação não está submetida a esta perspectiva, Eudoro de Sousa sugere haver uma origem comum à Religião, à Poesia, à Ciência e à Filosofia (Cf. SOUSA, 1980, p. 100).

analogia e por observação da reação ao sentimento que a sua ocorrência provoca, incitando um expediente intelectual que implica a atribuição de predicados racionais a esta desconcertante realidade (OTTO, 1992, p. 9; 38; 39), agravando o problema, pois que nenhum desses predicados lhe pode esgotar a realidade?

A aporia assinalada nos faz confrontar com a indagação fundamental deste artigo: que é isto que Eudoro de Sousa chama de *Mistério*? Movendo-nos em torno desta questão, procuraremos captar e explicitar a concepção de *Mistério*, central no conjunto do pensamento de Eudoro de Sousa, cujo interesse abarca os campos da Religião, da Mitologia, da Poesia, da Filosofia, da Antropologia e da História. Realidade própria de um *Horizonte* profundo, ou, como mais frequentemente o chama Eudoro de Sousa, de um “*além-horizonte*”, pois assim considerado desde a perspectiva da experiência comum (isto é, o “*além*” está para a experiência comum e não para aquilo a que a expressão faz referência), o *Mistério* só se faz perceptível pelos vestígios de sua emergência no *Horizonte* aparente⁵, ou em suas manifestações de “*aquém-horizonte*”, expressão também em conformidade com aquela mesma perspectiva assente na experiência comum. Desde este ponto de vista, o *Mistério* se confunde com ou é idêntico à sua própria experiência. É como uma invisível luz que só se deixa ver no seu iluminar de objetos visíveis (SOUSA, 1980, p. 33; 123), constituindo propriamente esta visibilidade reflexa a sua efetiva experiência. Radicalmente distinto de acontecimentos ocorridos no e coisas próprias do *Horizonte* aparente, o relâmpago do *Mistério* (a sua fulguração ofuscante, isto é, a própria experiência do *Mistério*, que, como afirmamos, é idêntica ao *Mistério*) é avesso à sua integração na natureza (no sentido de *natura naturata*) mediante qualquer construção intelectual que o tome como realidade compatível com a estrutura do *Horizonte* aparente e, portanto, supostamente “natural”. Mesmo quando a ele é atribuído o designativo “sobrenatural”, termo que não deixa de enfatizar uma natureza, se bem que transmutada, mas uma natureza, de todos os modos.

Neste sentido constitui o *Mistério* uma radical transgressão da ordem natural em que ocorrem as comuns experiências, bem como as vulgares noções a elas

⁵ As expressões “*horizonte profundo*” e “*horizonte aparente*” Eudoro de Sousa as vai buscar em Ferdinand Gonseth, mormente em “Teísmo, Cosmobiologia e O princípio da complementaridade”, de *Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios* (SOUSA, 2000, p. 184-185). Conferir também: (SOUSA, 1975, p. 130-132).

associadas. Radical, enfatizamos, e não apenas uma reconfiguração da estrutura e dos elementos que perfazem, segundo o pensamento corrente, a ordem natural. Daí a emergência da infausta tarefa de dizer o indizível, desafio sisífico de superlativa dificuldade que, todavia, seduz Eudoro de Sousa e o põe na senda da especulação acerca de sua inefável experiência. Conquanto afirme fazer não mais que Mitologia (SOUSA, 1980, p. 11; SOUSA, 1981, p. 1), o que se nos depara na obra de Eudoro de Sousa é um apurado esforço filosófico de inteligir o fundamento último e existencializante da existência ou de tudo o que veio, vem e virá a ser, como entende a própria essencialidade do *Mistério* ou daquela “invisível luz” de que o *Mistério* é experiência, embora sempre na fronteira entre o limite do pensamento filosófico e o limiar do que mais não seja Filosofia (no sentido habitualmente considerado), excedendo-lhe o alcance (LÓIA, 2007, p. 3-4).

De incontornável importância no pensamento filosófico de Eudoro de Sousa, o *Mistério* é tema que, dada a sua inefabilidade, combinada com a exigência de uma *sui generis* cognição excedente quanto às tradicionais categorias do saber lógico-discursivo (caso alguém se aventure a penetrar o seu sentido mais profundo), implica sempre uma demorada reflexão, como a que a ela dedicou Eudoro de Sousa ao longo de sua vida, além de, ou sobretudo, reivindicar radicalmente a sua própria e intransferível experiência, o que dispensa qualquer noção de método como caminho universalmente válido para a consecução do que ainda não foi dito (SOUSA, 1980, p. 101; SOUSA, 2000, p. 135). Assim, por um lado, como pensar acerca de e dizer algo que por sua própria constituição e realidade é indizível? Por outro, constatada a permanência da palavra “mistério” nas culturas modernas (SOUSA, 2000, p. 236), ainda que desvinculada do conteúdo que originalmente designava, como penetrar os seus mais profundos sentidos experimentados nas culturas arcaicas de onde é originária, sem incorrer em anacronismos e, conseqüentemente, errar o alvo da demanda? Estas aporias em torno da concepção do *Mistério* em Eudoro de Sousa o levam a definir um ponto de partida para a sua investigação, ou antes, nos faz elegê-lo como tal: a distinção explícita entre *Mistério* e enigma (DIMAS, 2014), mediante um exame das respectivas formas adjetivadas “misterioso” e “enigmático”, uma vez que a palavra “mistério” (e toda a realidade designada pela palavra e experimentada na Antiguidade) sobreviveu desfigurada (SOUSA, 2000, p. 235; SOUSA, 1981, p. 38; SOUSA, 1980, p. 47) nas culturas modernas como “enigma”.

Do étimo original grego *μυστήριον* (*mystérion*) e latino *mysterium*, derivado da palavra *μύστης* (*mystes*), com o sentido de “o que mantém os lábios cerrados” (SOUSA, 2004, p. 111), o vocábulo *mistério*, conforme Eudoro de Sousa, designava na Antiguidade um gênero de festividade religiosa essencialmente caracterizada pelo mandamento do segredo. O iniciado (*mystes*) devia silenciar tudo o que experimentara e aprendera, sendo-lhe rigorosamente proibido revelar ao profano ou não-iniciado o que lhe fora dado contemplar no ritual de iniciação e nas celebrações que daí decorriam. De modo que, recorrendo à escassa documentação referente ao culto eleusino dos *mistérios* na Antiguidade pagã⁶, Eudoro de Sousa entende preliminarmente que [...] “a iniciação nos mistérios consistia em transmitir e explicar oralmente uma doutrina oculta, algo indizível e inefável acerca do ser divino do homem e do kósmos” (SOUSA, 2004, p. 111). Mas que “coisa” é esta, caracterizada por Eudoro de Sousa como inefável (apenas compreensível por experiência direta, sem que dela haja sequer enunciação possível), mais do que como realidade oculta cuja revelação fora do círculo dos iniciados era expressamente interdita? Esta, pois, é a questão que ficará aberta até ao fim deste artigo, quando tentaremos formular o nosso entendimento acerca do que consiste o *Mistério* no pensamento de Eudoro de Sousa.

Por contraste à indizibilidade e à inexauribilidade cognitiva do *Mistério*, enigma (do grego *αἴνιγμα* e do latim *aenigma*) e enigmático apenas acusam a existência de sentidos encobertos, equívocos, dúbios ou obscuros de um enunciado. De modo que, para Eudoro de Sousa, a forma adjetivada “enigmático” refere-se a um aspecto da realidade que não descrevemos enquanto não soubermos descrevê-lo, mas que alguma vez o poderemos fazer tão logo isto nos seja facultado ou tão cedo logremos alcançá-lo, caracterizando-se como o indescrito dessa realidade. O “misterioso”, por sua vez, é a qualidade daquela realidade que não sabemos qual seja e da qual não há descrição possível, sendo, portanto, o próprio indescritível dessa mesma realidade (SOUSA, 2000, p. 236). Neste sentido, o “enigmático” pode ser expresso e, ganhando expressão, deixa de sê-lo, o que equivale a dizer que o enigma é passível de solução

⁶ A escassez de documentos relativos aos cultos místicos em Elêusis está diretamente associada a razões óbvias de o silêncio do iniciado constituir o próprio cerne da definição de *mistério*. Mais adiante, neste artigo, veremos que mais que a transmissão e explicação oral de uma doutrina oculta, para a compreensão da concepção eudoriana de *Mistério*, o que será ressaltado como o mais importante é propriamente aquilo que é inefável referentemente ao ser divino do homem e do cosmos.

ou decifração, ao passo que o “misterioso”, jamais transposto em cifras (SOUSA, 1981, p. 38), nunca será decifrado e subsistirá sempre como aquilo que é: *Mistério*.

Reconhecer que há *Mistério* na experiência mundana do homem, ainda que transfigurada, não é o mesmo que dizer, como possa ser dito por linguagem humana, o que o *Mistério* é⁷. Entre as duas situações há um abismo demasiado profundo, quiçá sem fundo, cujas tentativas de transposição exigem esforços investigativos marcados pelo paradoxo e que apenas nos permitem, quando muito, uma aproximação por analogia ao tema em questão. O referido paradoxo, não perdemos em repeti-lo, consiste em tentar dizer o indizível, afinal, como pretender decifrar aquilo que é avesso a qualquer sorte de cifras⁸? Como tornar apreensível e analisável pelo pensamento uma realidade que transcende a todas as determinações categoriais do pensamento e da linguagem? Contudo, no arrebatador anelo de compreensão do que o *Mistério* possa ser, donde derivará as suas concepções de teogonia, cosmogonia e antropogonia, mas também de teocriptia, antropocriptia e escatologia, bem como de temas correlatos, especialmente de mito e Mitologia, Eudoro de Sousa tanto desenvolve elementos que permitem tomar o *Mistério* como cerne de seu pensamento, quanto o fará mediante cifras poético-imagético-simbólicas.

Para Eudoro de Sousa, é fenômeno não regido pelo princípio de causalidade, tampouco de identidade e não-contradição, a emergência do acontecimento profundo e insólito no *Horizonte* aparente, acontecimento desconcertante para o pensamento discricionário. A este fenômeno, Eudoro de Sousa chama de *Mistério*. Deste modo preliminarmente concebido, o *Mistério*, ainda que manifesto no mundo aparente, aí só se dá a ver como súbita aparição ou diferença na normalidade da aparência mundana, constituindo mensagem cifrada emitida pelo *Horizonte* profundo. Com efeito, ao estudar os comentadores órficos de Platão, Eudoro de Sousa afirma que na

[...] intenção daqueles inspirados comentadores, a mitologia e a filosofia parecem, não duas linguagens que exprimem o mesmo pensamento, mas

⁷ Reconhecendo a incompatibilidade entre o ser do *Mistério* e o dizer humano a seu respeito, Fernando Bastos entende que o “*Mistério é o abscôndito ou inacessível que se cobre ou silencia ante a dimensão do humano. Mysterium Magnum ou Deus, de que já nos fala Jacob Böhme no seu livro homônimo*” (BASTOS, 1998, p. 34).

⁸ Se por um lado, Eudoro de Sousa afirma, em “Mistério e enigma”, da obra *Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos*, que o *Mistério* é indecifrável porque não admite cifras (SOUSA, 2000, p. 235). Por outro, também assevera: “*Não podemos decifrá-lo, porque os mistérios não se decifram; são, eles mesmos, cifra indecifrável, porque não fomos nós quem os cifrou*” (SOUSA, 1980, p. 41).

sim duas cifras de um pensar que não tem linguagem própria (SOUSA, 2000, p. 108).

Aqui encontramos oportunidade apropriada para levantar dois problemas, ou antes, duas ou três faces de um mesmo problema essencial em nossa demanda: o que significa uma “cifra” no pensamento de Eudoro de Sousa? Por que Eudoro de Sousa lança mão desta noção (“cifra”), francamente diferenciada de conceito e categoria? E mais importante: que pensar, que agir e que experiência (que “coisa” pensada, que “coisa” atuada, que “coisa” experimentada) é esta que, por não ter linguagem própria, deve ser cifrada para que haja alguma aproximação de sua compreensão e dizibilidade, sem qualquer expectativa de vir a ser decifrada por uma lógica discursiva, isto é, e neste caso, vertida naquilo que ela não é, como é mister do alegorismo ou do pensamento representativo? A resposta a estas indagações nos permitirá justificar o recurso às *cifras* como expediente de aproximação quanto à elucidação do que temos chamado de *Mistério* no pensamento de Eudoro de Sousa. Do mesmo modo e pela via inversa e complementar, o nosso anelo de enunciar o sentido de *Mistério* em Eudoro de Sousa nos possibilitará responder às mesmas questões acima levantadas. Oculto no homem e no mundo, e por eles negado, nem por isto aquele assombroso prodígio deixa de impregnar-lhes com a sua insólita presença, muito embora, desde uma mirada do pensamento e da linguagem humanos, apenas enunciáveis através de cifras. E isto significa que, por um lado, é por meio de cifras que a fonte originária daquela inefável experiência acena no aquém-horizonte em que se encontra encoberto; por outro, que é também por meio de cifras que o homem disponível ao aceno daquela matriz poderá responder-lhe numa enunciação aproximativa a seu respeito. Assim, pese o seu caráter de imperfeição expressiva/cognitiva, as cifras constituem para o homem um reflexo ainda turvo e de luz crepuscular de onde se pode ver e ouvir o aceno daquele divino e “*misteriosíssimo Mistério*” que não tem linguagem própria.

Do mesmo modo que a caverna, segundo Eudoro de Sousa, é uma das cifras na codificação do mistério do *Horizonte* (SOUSA, 1975, p. 97), pela qual se diz de modo ambíguo, não representativo e por aproximação possível o que é o *Mistério* do *Horizonte*, Eudoro de Sousa se vale de expediente homólogo, isto é, da criação de imagens significativas, recorrendo ao vasto material filológico da Antiguidade greco-

latina e também de sua congênere oriental, do léxico e das concepções utilizados pelos filósofos no momento incipiente da aparição da Filosofia na Grécia antiga, assim como da ressemantização de noções de sentido corrente em sua atualidade (na atualidade de Eudoro de Sousa), para exceder e substituir a exaurida e insuficiente capacidade das categorias do pensamento discursivo no que concerne ao tratamento da desconcertante e indomável experiência do *Mistério*. Talvez no mesmo sentido em que recorreram Platão e Aristóteles ao uso de metáforas quando alcançaram os mais elevados cimos da especulação, ponto a partir do qual as categorias de inteligência já não se lhes mostravam adequadas para seguir adiante na tentativa de compreensão da verdade fulgurada no extraordinário fenômeno, Eudoro de Sousa opta, paradoxalmente, pelas cifras como meio de dizer o *Mistério*. E o faz simbolizando (transfigurando) as palavras e a realidade que elas designam ou designavam, levando-as a superar a univocidade de sentido e de significado que têm desde uma mirada lógico-discursiva, abrindo-as para a emergência do excedente que nelas se ocultam, de cuja preterição fora fixada a atualidade de sua determinação semântica (SOUSA, 2000, p. 251). Neste sentido, vemos surgir e se desenvolver o empenho de Eudoro de Sousa em dizer o indizível, ou aquilo que não é suscetível de expressão verbal direta e inequívoca, mediante um conjunto de cifras⁹, entendendo por cifras, símbolos ou ideias-chave¹⁰ que apontam para o que não pode ser dito de outro modo,

⁹ No parágrafo final de “Discussão Inicial”, ensaio que abre o seu estudo sobre as Catábases na Antiguidade, Eudoro de Sousa (2013, p. 28) evidencia a “filiação” da noção de “cifra”, como é empregue por si em diversas de suas obras: “Para o próximo sumário, reservamos o alistamento de todos os pontos de condensação dos problemas que se têm enunciado sobre a literatura escatológica da antiguidade. Uma vez reunidos esses pontos, não será difícil entrever uma imagem coerente do que, - para usar a tão sugestiva expressão de Jaspers -, teria sido para os antigos a cifra de um pensamento que nunca encontrou a sua linguagem própria”. Esta passagem em que Eudoro de Sousa anuncia o tema da cifra em Jaspers leva uma nota do editor, que enfatiza a importância de Jaspers no desenvolvimento do pensamento do mitólogo luso-brasileiro, nomeadamente no que concerne ao recurso às cifras. Assim se pode ler na nota explicativa 7: (cf. Idem, ibidem): “O psiquiatra e filósofo alemão Karl Jaspers (1883-1969) desenvolve suas idéias sobre a relação intrínseca entre Razão e Existência, no qual o inefável da vida se apreende por registros sutis ou cifras em diversas obras, principalmente em: JASPERS, Karl (1956). *Philosophie* (3 vols.). Springer-Verlag, Berlim. Segundo SERRA, Ordep (2012). “Recordação de Eudoro de Sousa”; In: *Revista Archa* 8, p. 132. e Fernando Bastos, Eudoro e Jaspers teriam estreitos laços de amizade e troca de cartas”.

¹⁰ Comentando influências e fontes do pensamento de Eudoro de Sousa, Fernando Bastos assinala a noção de “idéia-chave” (também com o sentido de símbolo e de cifra) como procedimento que Eudoro de Sousa teria tomado por empréstimo a Seligman, nos estudos que este desenvolveu acerca do *Ápeiron*, de Anaximandro, para considerar o problema do mito, o seu sentido e a sua importância (BASTOS, 1998, p. 32): “O procedimento implica tomar a forma de uma investigação da metafísica para unificar e reinterpretar a experiência, sem que com isto a ‘idéia-chave’ designe um objeto de experiência; mas, pelo contrário, se refira ao que, intrinsecamente, nem é observável, nem é verificável. Características das ‘idéias-chaves’ é que elas transcendem os esquemas ou sistemas conceptuais que

nem por outra linguagem, por não possuir linguagem própria que o diga, cujo alvo mais elevado, no caso de nosso estudo, é nos conduzir à compreensão do que o *Mistério* possa ser ou, quanto mais não seja, de nos esclarecer o sentido que o *Mistério* adquire no pensamento de Eudoro de Sousa, meta que constitui chave fundamental para a compreensão do conjunto desse mesmo pensamento.

Alusivo aos sinais da súbita aparição do inefável *Mistério* (aliás, constituindo o *Mistério* esta mesma súbita e desconcertante aparição, como já o apontamos), e por isto cifras do *Mistério*, com o sentido de palavras-sinais que, indiretamente¹¹, o acusam e procuram conduzir à sua compreensão, assim é que nos deparamos no pensamento de Eudoro de Sousa com os temas do *Horizonte*, da *Origem*, da *Natureza*, do *Mítico* ou *Impulso Criador de Mitos*, do *Triângulo da Complementaridade e do Simbólico*, do *Projeto*, da *Excessividade Caótica* e de *Deus*. Considerar cada uma destas cifras como vêm expostas nos artigos e nos ensaios de Eudoro de Sousa, embora de elevado interesse para o tema que estamos discutindo, não será tarefa a se desempenhar neste artigo, por motivo do limitado espaço a ele destinado. Mas sigamos a nossa tentativa de aproximação cognitiva possível ao tema do *Mistério*, bem como de enunciação do que consiste o *Mistério* no pensamento de Eudoro de Sousa, centrando a nossa atenção nas consequências das suas investigações acerca das celebrações extático-religiosas nos Mistérios de Elêusis, um dos acessos mais auspiciosos, conforme Eudoro de Sousa, à *sui generis* realidade a que estamos designando por *Mistério*.

Da tentativa combinada de resumidamente expor o pouco ou o “nada” que dos “mistérios” nas rituais celebrações eleusinas se sabe por ouvir falar¹², e investigar o

dependem delas, de tal modo que nunca são plenamente explicáveis nos termos das proposições em que elas ocorrem. Eis porque a especulação metafísica, conclui Seligman, é uma busca que jamais se completa; só por esta razão, nenhum sistema metafísico pode pretender dizer a última palavra”. Conferir também (BASTOS, 1998, p. 49): “É, assim, a simbologia hermenêutica ou a interpretação simbólica a idéia-chave de que dispõe o filósofo para sua compreensão do ‘mistério do horizonte’; ou melhor, ‘símbolo’ ou ‘idéia-chave’, é a complementaridade, a ‘cifra’ das codificações lógica e mítica do ‘mistério do horizonte’, entendido e por nós consignado como a complementaridade do horizonte”. Sobre a equivalência entre cifra, símbolo e idéia-chave, cf. (SOUSA, 1975, p. 130): “A cifra, chama-se-lhe ‘símbolo’ ou ‘idéia-chave’, aponta para o que não pode ser dito”. Optamos por cifras e não por idéia-chave, como modo de nos aproximarmos da concepção eudoriana de *Mistério*, pelos motivos expostos na nota anterior.

¹¹ Para Eudoro de Sousa, o *Mistério* é como Deus (aliás, Deus é um “nome”, e como tal uma cifra, pelo qual Eudoro de Sousa chama o *Mistério*), cujo fulgor próprio é de tal intensidade que cega aquele que o divisa, não se mostrando ao homem senão indiretamente. (Cf. SOUSA, 1980, p. 88).

¹² “Saber por ouvir fala” é uma explícita referência que Eudoro de Sousa faz a um texto de Demóstenes. (DEMÓSTENES, *Orat. In Neaer*, 79 *apud* SOUSA, 2000, p. 84).

“tudo” que for possível inferir do seu silêncio iniciático, tarefa que explicitamente ocupa Eudoro de Sousa no artigo “A Origem da Poesia e da Mitologia no Drama Ritual” (SOUSA, 2000), mas que pode ser reconhecida, com maior ou menor evidência, na generalidade dos seus escritos sobre a Religião dos Gregos antigos, o tema do *Mistério* transcende na última fase de sua atividade intelectual o âmbito específico dos estudos dos antigos rituais celebrados em Elêusis, embora a eles sempre faça referência, ascendendo à magnitude do que é de absoluta relevância e centralidade no conjunto do seu pensamento. Dependerá de sua compreensão e enunciação, como enunciar se possa, a realização de um salto cognitivo que porventura levasse ao limite do pensável/dizível e ao limiar do impensável/indizível, fronteira intransponível desde o lado de um saber assentado na exclusividade da racionalidade, mas indefesa contra o assalto não racional das mensagens cifradas que do outro lado são enviadas por ignoto emissor. Neste sentido, Eudoro de Sousa pretende considerar, ou ao menos assim dá a entender, sobretudo nos seus últimos livros, o que entende como o cumprimento do seu próprio pensamento, isto é, a formulação de uma Mitologia que não seja limitada a uma concepção alegórica com o sentido de “biografia dos deuses” (SOUSA, 1980, p. 27-28) e, como tal, a um dizer apenas racional que, ao representar o que pretende dizer, o faz através de uma linguagem pela qual diz o que não é propriamente aquilo que pretende dizer. Não o diz, portanto, ou, o que é pior, negligencia-o e dele escarnece.

Reconhecido preliminarmente como um insólito acontecimento causador de um “*sentimento de estranheza*”, o que Eudoro de Sousa chama de *Mistério* ao longo de sua obra, mas de modo mais explícito em seus dois últimos livros publicados, *Mitologia e História e Mito*, levanta um problema, cuja solução invoca, por força de sua própria natureza constitutiva, mais o alcance da intuição, da sensibilidade e da emoção do que propriamente a capacidade cognitiva da razão. Aliás, Eudoro de Sousa entende que a racionalidade humana é incapaz de encontrar em si mesma a sua própria razão suficiente (SOUSA, 1980, p. 23), estando limitada ao aquém-*Horizonte* e aí mantendo-se cativa do que é apenas humano, sem poder transpor o *Horizonte* extremo e mais-que-humano, cujos esporádicos relâmpagos se fazem notar com “*estranheza*” no aquém-*Horizonte* pela mesma racionalidade, e adentrar a circunferência que a envolve desde o além-*Horizonte* e que é a sua fonte originária, como manancial primordial e inexaurível também o é daquelas fulgurações que desconcertam a razão.

Não podendo fazer a travessia extrema para o lado que lhe excede, não pelo menos mediante os seus métodos próprios, a racionalidade assimila ao seu léxico a palavra “mistério”, e com ela a experiência que a palavra pretende designar, segundo esta mesma racionalidade, isto é, a experiência do absurdo, embora com valor depreciativo, denotando representação da tenebrosidade (SOUSA, 2004, p. 159), ou ainda, “vergonha”, “inépcia” e “impossibilidade” (SOUSA, 2000, p. 182).

A aporia surgida em torno da concepção de *Mistério*, como acusada por Eudoro de Sousa em seu anelo de alcançar para a *sui generis* realidade uma compreensão que conferisse suficiente suporte ao seu projeto de Mitologia¹³, não constitui perplexidade ou problema novo/original na história do pensamento filosófico. Eudoro de Sousa lembra que já no século IV a.C a referida aporia fez a sua dramática aparição na crise aberta ao pensamento filosófico e expressa na tentativa de transposição intelectual das mais profundas experiências da tradição religiosa grega pelos filósofos daquela centúria. No expediente intelectual referido, se pode flagrar exasperadas ambivalências no modo de racionalmente avaliar a decadência das crenças num momento em que a incontestabilidade da razão já havia sofrido notórios desgastes, como por exemplo (no caso de Platão), o julgamento e a condenação extrema de Sócrates, tomado pelo filósofo da Academia como o mais prudente homem de toda a Grécia. Naquele instável momento da Filosofia, assinala Eudoro de Sousa que os Gregos enunciaram e discutiram gravemente o problema “acerca da coerência ou incoerência racional das suas tradições religiosas” (SOUSA, 2000, p. 182), condenando-lhes os mitos e os ritos desde um ponto de vista ético-político, como assinala Eudoro de Sousa o caso de Platão, que teria pensado “miticamente contra o mito” (SOUSA, 1981, p. 64), significando com esta expressão que o filósofo se encontrava na fronteira entre duas distintas gnoseologias e duas diferentes codificações do Indiferenciado de além-*Horizonte*, paradoxalmente optando pelo *logos* sem abandonar totalmente o legado do *mythos*. Do mesmo modo, Eudoro de Sousa acusa na história do cristianismo as tentativas de superação da antinomia entre ciência e fé, evocando o paradoxo de Tertuliano (*credo quia absurdum*). Também aí, axiomas, princípios, categorias e conceitos filosóficos tenderam a proclamar a impossibilidade do mais tremendo *mysterium fidei*, restando ao alegorismo, tomado

¹³ A lembrar: como tornar acessível ao pensamento e à análise, e assim suscetível de cognição e definição, algo que se não deixa apreender totalmente pela racionalidade?

como a intelectualização do que não é inteligível, a via pela qual se pretendeu desincompatibilizar o *Mistério* e a razão, a revelação religiosa e o perscrutar filosófico.

Por outro lado, a tese eudoriana da *complementaridade* entre mito e Metafísica na aurora do pensar filosófico, cujo maior alcance no contexto de sua obra se encontra em *Horizonte e Complementaridade* (SOUSA, 1975), mas que já é anunciada no artigo “Teísmo, Cosmobiologia e O Princípio de Complementaridade” (SOUSA, 2000), se evidencia na coexistência de duas concepções de divindade verificadas, conforme Eudoro de Sousa, em todas as épocas e em todas as culturas, e que se confrontam entre si em irresolúvel antinomia quando não assentes no princípio de *complementaridade*. Cumpre dizer que por *complementaridade*, Eudoro de Sousa entende, ecoando o pensamento do filósofo e matemático suíço Ferdinand Gonseth, um princípio oriundo da Física moderna – mas extrapolando este campo e aplicado à Metafísica –, pelo qual, não tendo valor próprio e absoluto, “os conceitos de ‘posição’ e ‘impulso’ (espaço e tempo), ‘permanência’ e ‘variação’, ‘contínuo’ e ‘descontínuo’ (onda e corpúsculo), ‘matéria’ e ‘energia’, ‘determinação’ e ‘indeterminação’, etc.” (SOUSA, 2000, p. 184), apenas fazem sentido quando considerados conjuntamente. Assim, numa das referidas concepções da divindade, o *teísmo*, cultua-se um Deus tornado objeto de um intelecto demonstrativo, em cuja estrutura lógico-discursiva, identidade e não-contradição, assim como os demais princípios de racionalidade, não podem ser violados em qualquer hipótese. Na outra concepção, chamada por Eudoro de Sousa de *cosmobiologia*, Deus é realidade impenetrável pelo intelecto e apenas compreendido por experiência própria, intuição e sensibilidade. A síntese histórica das heterogêneas e heterônomas atitudes religiosas do teísmo e da cosmobiologia, com as suas respectivas concepções do divino, teria sido realizada, segundo Eudoro de Sousa, pelo cristianismo, tomando o *mysterium fidei* como a essencial simultaneidade entre o Deus transcendente, Criador, Causa Prima, e uma Divindade que, imanente, nasceu, morreu e ressuscitou, no que seria, desde o ponto de vista de uma racionalidade exclusivista, um *absurdum*. Dizíamos, o cristianismo teria realizado a síntese histórica, mas não a efetiva *complementaridade* do ponto de vista filosófico, já que, mesmo supostamente harmonizadas razão e fé no pensamento escolástico, para Eudoro de Sousa a solução aristotélico-tomista dada ao problema, pretendendo atribuir à razão o papel de demonstração dos mistérios revelados pela fé, não parece ter sanado a chaga aberta na consciência religiosa.

Agora bem, se para Eudoro de Sousa Deus é análogo ao *Mistério* por ambos serem realidade absoluta e abissal ou o “*Ultra-Ser*” (SOUSA, 1980, p. 114) que cega ou mata quem o divisa diretamente, assentando nisto a consideração de Deus como cifra do *Mistério*, pensar a sua manifestação empírica e reflexa (de Deus e do *Mistério*) primeiramente implica deparar-se com um absurdo coetâneo do e conatural com o “*sentimento de estranheza*”. Para Eudoro de Sousa, frequentemente o pensar se detém à beira do absurdo, não se arriscando ao perigo de começar pensando a partir do *Mistério*, seja porque não saiba, à partida, o que é o *Mistério* (e por isto lhe chama de *Mistério*), seja porque entenda ser “*mistério*” palavra que, desde o ponto de vista do ordinário pensar, carrega um sentido desabonador, não se reduzindo a qualquer objeto ou conceito do pensamento racional. Desde esta perspectiva, é impossível conhecê-lo intelectualmente por incapacidade inata da racionalidade abordar “as obscuras e longínquas regiões, as ignotas terras do espírito, da alma e do corpo” (SOUSA, 2000, p. 99) situadas além-*Horizonte* extremo, avessas a qualquer noção de método para alcançá-las e inapreensíveis por qualquer categoria do pensamento filosófico e científico. Mas não nos esqueçamos que abordar e compreender o *Mistério* é tarefa assumida a duras penas por Eudoro de Sousa e de cujo êxito dependerá o legado mais original e ousado do seu pensamento. E se o acesso primeiro à abordagem do *Mistério* é, efetivamente, a experiência de um “*sentimento de estranheza*”, paga-se um preço nada módico por se perquirir aquilo que pode ser tomado como a transcendentalização da comum experiência, a respeito do qual pensamento e linguagem comuns jamais estarão aptos a representar e significar.

Silêncio é, pois, aquilo com que se depara quem se aventura a pensar e a dizer em que consiste o *Mistério*. Em duplo sentido. No primeiro, associado à etimologia da palavra grega *μυστήριον* (*mystérion*), como já assinalamos, com o significado de “*fechar-se*” (lábios, olhos, chagas) e imposto aos iniciados nas antigas religiões de mistérios, em que Elêusis figura como caso exemplar nos estudos de Eudoro de Sousa, o silêncio impossibilita qualquer busca de fontes que direta e claramente poderiam elucidar e demonstrar a insólita experiência aos olhos interessados de um investigador. E neste sentido, o silêncio constitui o custo de amargo travo àquele que investiga a insólita experiência. Quando muito, o que se tem como fonte disponível, considerando as religiões de mistérios da Antiguidade, é o discurso transfigurado de supostos apóstatas, como é o caso do último livro de *O Asno de Ouro*, de Apuleio, ou

a suposta violação da interdição por alguns de seus iniciados, como parece ter sido o caso de Ésquilo, a se inferir pelo “processo de impiedade que Ihe moveu a cidade de Atenas” (SOUSA, 2000, p. 57). Todavia, o segundo sentido, ao contrário do primeiro, como o afirma Eudoro de Sousa acerca do segredo iniciático, “suscita, se não propicia, a investigação” (SOUSA, 2000, p. 84). Isto porque, se no étimo de *mystérion* está o silêncio, desde esta outra mirada Eudoro de Sousa passa a indagar que o silêncio era propriamente silêncio naquelas celebrações rituais, interpelação que o levará a outra acepção da afasia que caracteriza o *Mistério*, conforme o ponto de vista do pensamento racional. Com efeito, para Eudoro de Sousa este segundo sentido do silêncio passa ao largo de uma interdição hierática de uma religião ou de uma lei política que deseja preservar a verdade cultuada, como foi o caso de Atenas referentemente aos mistérios de Elêusis. Nem equivale à simples ausência de palavras. Antes, corresponde às pausas existentes entre as palavras de um discurso, pausas que sinalizam a própria, abissal e originária possibilidade de as palavras existirem. Desde este ponto de vista, como expresso por Eudoro de Sousa, o silêncio significa a matriz da linguagem, cujas

[...] múltiplas palavras é negação-afirmativa do Silêncio-Um, como o Mundo das múltiplas coisas é a negação-afirmativa do Um-Deus, [estando] “para a linguagem como o ser está para os entes que o ocultam, quando nos entes se revelam (SOUSA, 1975, p. 195).

De onde silêncio, Deus e *Mistério* coincidem em seus específicos modos de se apresentarem à experiência e à cognição humana.

A afirmação da confluência de Deus e *Mistério* no silêncio, não por interdição à enunciação acerca destas realidades últimas imposta por decisão a elas externa, mas por sua inefabilidade constitutiva, como Eudoro de Sousa julga flagrar num fragmento de Aristóteles a respeito da experiência a que eram submetidos os iniciados nos mistérios (*De Philosophia*)¹⁴, seria motivo de paralização de nosso intento em dizer o significado que o *Mistério* adquire no pensamento de Eudoro de Sousa, antes, se constituiria em incontornável suspensão do próprio perscrutar eudoriano a

¹⁴ Comentando o referido fragmento de Aristóteles, Eudoro de Sousa assinala a insólita experiência que despertava no iniciado não a capacidade intelectual para compreender a natureza daquela invulgar experiência, senão a aquisição de certo estado de ânimo, um emotivo estado de receptividade à verdade revelada no ritual (Cf. SOUSA, 1981, p. 87).

comprometer o conjunto do seu pensamento e, conseqüentemente, a nossa demanda, não fosse outro entendimento, tão fundamental para a compreensão do *Mistério* como o é a equivalência entre silêncio, Deus e *Mistério*. Para Eudoro de Sousa, embora a fulguração do divino *Mistério* se traduza em inefabilidade para o regime de consciência lógico-discursiva, o que suscita a sua detração como “*vergonha*”, “*inépcia*” e “*impossibilidade*”, nem por isto ela se deixa restringir, por força de sua inexauribilidade, numa linguagem que seria limite não-limiar para a sua expressividade. Com efeito, para Eudoro de Sousa a súbita fulguração da *Excessividade Caótica*¹⁵ sobe rumorejante, insofreável e quase intacta do fundo do abismo sem fundo ao nível da expressão, podendo ser por sons, cores e volumes (à maneira de “um livro de imagens sem texto” (SOUSA, 2004, p. 205) de que fala Eudoro de Sousa a respeito da perplexidade e mágoa de antropólogos e historiadores diante de uma expressividade de documentos antigos, afásica, todavia, para os modernos), mas também por palavras desde que transfiguradas referentemente ao sentido em que habitualmente são empregues. A referida transfiguração constituiria uma reconfiguração da linguagem ordinária, que expressaria, assim metamorfoseada, não mais a humana convenção, mas “a sua própria origem, mediante um retorno circular à sua originalidade originária” (SOUSA, 1975, p. 195), isto é, não mais o silêncio em seu sentido comum, senão aquele Grande Silêncio por Eudoro de Sousa identificado como Deus ou *Mistério*, ambos com o sentido de *Excessividade Caótica* desprovida de linguagem própria.

Aqui começamos a nos aproximar da conclusão deste artigo, procurando responder à questão apresentada em sua introdução, a lembrar: que “coisa” é esta, caracterizada como inefável, mais do que como realidade oculta, apenas compreendida por experiência direta, sem que dela haja sequer enunciação possível, e cuja revelação fora do círculo dos iniciados, nas antigas religiões de mistérios, era expressamente interdita? *Mistério* é, em primeiro lugar, mas nem de longe o aspecto mais importante na demanda de sua compreensão, um nome conhecido atribuído ao desconhecido, inexaurível, inescrutável, impenetrável e inefável, isto é, à

¹⁵ Concebida como outro modo de Eudoro de Sousa dizer Deus e *Mistério* (por isto uma das cifras pela qual aborda o *Mistério*) a *Excessividade Caótica* consiste na originária desmesura, absolutamente distinta da medida antropocêntrica ou de qualquer outra mensuração, a partir da qual pode haver deuses, mundos e homens determinados, bem como as suas diversas correlações (Cf. SOUSA, 1980, p. 35-36).

manifestação daquela “coisa” sem nome e sem linguagem própria que é o motivo fundamental nas especulações de Eudoro de Sousa como mitólogo, filólogo e helenista, mas não menos como filósofo, assim o cremos. E de assim o ser, o *Mistério* está íntima e incontornavelmente associado a este desconhecido, como a sua projeção ou a sua manifestação no mundo que é presumidamente conhecido pela razão humana, mas que a ela (a razão) não deixa indiferente, embora de modo desconcertado. Como Deus, cuja fulguração é ofuscante (“quem vê deus morre” (SOUSA, 1980, p. 33), o *Mistério* não se mostra diretamente sem o risco de cegar. De modo análogo, indireto é o caminho que a ele deve conduzir quem se aventure a dizê-lo. Isto justifica a aproximação de sua compreensão desempenhada por Eudoro de Sousa mediante cifras. As cifras, assim como o vimos a respeito do nome “*mistério*”, não sendo a “*coisa*” mesma que quer designar, denunciam, todavia, a sua irrefutável existência, pois que sendo cifras só o são e só o podem ser cifras de algo. E este algo é aquilo que, não tendo linguagem própria, não pode ser dito de outro modo senão por uma linguagem capaz de fazer a elocução retornar circularmente ao Grande Silêncio que a preside. Neste aspecto coincidem a manifestação do *Mistério* e o dizer acerca do *Mistério*. Ambos reclamam à capacidade humana de percepção e de codificação do que é percebido o recurso extremo da transfiguração. Transfiguração da linguagem e do pensamento (da lógica que os ordena) e, sobretudo, metamorfose do próprio sujeito da percepção, do pensamento e da linguagem. Daí a importância reconhecida por Eudoro de Sousa, pese embora a sua ácida crítica neste sentido, à alegoria (no caso, cifras que dizem umas coisas por outras) nos estudos de Mitologia, ou, mais especificamente, do inefável *impulso mítico*, desde que se faça que no *állo* (outro), de alegoria, se mostre o *tautó* (mesmo), da tautegoria (SOUSA, 1980, p. 36), isto é, desde que as cifras, que não são exatamente aquilo a que fazem referência, sejam capazes de tornar presente a “coisa” referida. Neste sentido é que *Horizonte, Origem, Mítico, Natureza, Triângulo da Complementaridade e do Simbólico, Projeto, Excessividade Caótica e Deus*, todos tomados como cifras do transfigurado dizer eudoriano acerca do *Mistério*, nos trazem à presença daquela realidade inexaurível e inominável de cujo fulgor feito insólita ocorrência, desde o ponto de vista da normalidade do mundo da comum experiência, se diz haver *Mistério*.

A despeito de encontrarmos algumas passagens na obra de Eudoro de Sousa em que o pensador se refere ao *Mistério* como a “coisa” mesma experimentada no

que estamos chamando de experiência do *Mistério*, o *Mistério* em seu pensamento é, mais propriamente, abertura ou aquilo que faz abrir uma clareira insuspeita na banalidade do mundo e na própria banalidade em que o homem se confinou, seu pensamento e sua linguagem, estando centrado em si mesmo, como personalidade racional e voluntariosa. O *Mistério* é fulguração súbita e fugidia (revelação) do que Eudoro de Sousa chama *Excessividade Caótica, Origem, Deus, Projeto, Natureza*, isto é, da absoluta Realidade situada no além-*Horizonte* extremo. E é fenômeno que se experimenta aquém-*Horizonte*, seja como catábase diacosmizante, seja como anábase reveladora do divino onde este está oculto¹⁶, pois que é só aquém-*Horizonte* que o fenômeno constitui um desconcerto seguido de paralisação na cognição e experiência comuns do homem, passando a ser chamado de *Mistério* num pálido balbuciar. No além-*Horizonte*, ele é o que é na “absolutidade” (SOUSA, 1980, p. 45; BASTOS, 1998, p. 67) de sua realidade de absoluto. Sequer tem nome próprio, além de desconhecer linguagem própria. A sua ofuscante luz contrasta com a opacidade da vida regular do homem dominador de seu mundo. É absoluta e por isto cega ou mata o que não é absoluto e que intenta por expressão não absoluta pensá-lo e dizê-lo. Como experiência empírica que desconcerta a razão, o *Mistério* é uma realidade (ou fulguração desta realidade) que não se objetiva e nem se deixa objetivar. Só se conhece o *Mistério* por uma *sui generis* e própria experiência de possessão, nunca por simples ouvir dizer ou por ler doutrinas de religiões de mistérios, ou de quaisquer outras religiões, considerando, como o faz Eudoro de Sousa, que toda religião, em sua autenticidade, tem como ambiência própria a experiência de um *Mistério*. Desde o ponto de vista das ciências e da Filosofia, impossibilitado de ser tratado através de axiomas, princípios, categorias e conceitos, o *Mistério* é, como referido anteriormente, anatematizado como “*vergonha*”, “*inépcia*” e “*impossibilidade*”. Mas não na perspectiva de uma Mitologia que faz de si o seu fulcro. Nem da Poesia, cuja origem é comum à *Origem* da Mitologia, conforme Eudoro de Sousa (SOUSA, 2000). Deste modo, o inefável “*Mistério dos mistérios*” no pensamento de Eudoro de Sousa “é resíduo de uma Fulguração da Caótica Excessividade mal contida e sempre a ponto

¹⁶ Neste passo de nossa reflexão, chamamos a atenção para a manifestação de um profundo *Mistério*, como compreendido por Eudoro de Sousa, no nascimento do mundo e dos homens como *diacosmese*, tomada como *catábase histórica*. Mas também para a *anábase*, não menos manifestação de um *Mistério*, no sentido de meta-histórica aparição divina na “*morte*” de mundo e homem. Para o tema da *catábase* e da *anábase* relacionadas com o horizonte histórico, cf. (BASTOS, 1998, p. 94).

de transbordar de toda a contenção” (SOUSA, 1980, p. 88). Isto significa que o *Mistério* é o homem (e o seu mundo) subitamente aberto à arrebatadora experiência do inefável vinda de fora de sua atualidade antropocêntrica (o seu pensar e o seu querer), ou antes, a abertura assim experimentada por homem e mundo. Mas também é o inefável que ao homem excede se manifestando ao e no homem. Das duas perspectivas, concluímos que o *Mistério* no pensamento de Eudoro de Sousa é a experiência incomum e superlativa manifesta em *estranheza* referentemente à comum e cotidiana experiência da vida, pela qual se dá, e assim o afirma Eudoro de Sousa, o “diálogo entre a sensibilidade da natureza (ou sensibilidade humana, aberta para a natureza) e a natureza da sensibilidade (ou natureza que se abre para a sensibilidade humana)” (SOUSA, 1980, p. 82; 83; 102). Experiência, portanto, do homem no mundo originado de onde se vislumbra, num fulgor de relâmpago a riscar o céu de aquém-*Horizonte*, a *Origem* oculta de (e em) todo originado, não como uma aparência do que quer que seja, senão como uma súbita e arrebatadora “aparição do que nunca vira em seu redor” (SOUSA, 1980, p. 41), ou como um prenúncio de acesso ao além-*Horizonte* para quem está no aquém-*Horizonte*, causando uma “diferença na alma” (SOUSA, 2004, p. 15) ou um sentimento de *estranheza* naquele que a experimenta.

Referências

BASTOS, Fernando. **Mito e Filosofia**. Eudoro de Sousa e A Complementaridade do Horizonte. 2ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

DIMAS, Samuel Fernando Rodrigues. A Distinção Entre Enigma e Mistério em Eudoro de Sousa: Elementos Para Uma Racionalidade Metafísica do Mistério de Deus. **Synesis**. Petrópolis, v. 6, n. 1, p. 226-244, 2014.

LÓIA, Luís. **O Essencial Sobre Eudoro de Sousa**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1992.

SOUSA, Eudoro de. **Catábases**: Estudos Sobre Viagens Aos Infernos na Antiguidade São Paulo: Annablume Clássica, 2013.

SOUSA, Eudoro de. **Dioniso em Creta e Outros Ensaios**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

SOUSA, Eudoro de. **História e Mito**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

SOUSA, Eudoro de. **Horizonte e Complementaridade: Ensaio Sobre A Relação Entre Mito e Metafísica, Nos Primeiros Filósofos Gregos**. São Paulo, Duas Cidades; Brasília: Universidade de Brasília, 1975.

SOUSA, Eudoro de. **Mitologia**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.

SOUSA, Eudoro de. **Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

Recebido em: 02/03/2023
Aprovado em: 06/07/2023